

# Rapazes matam índio a chutes e pedradas no Sul

Acusados disseram que chutaram Leopoldo, que tinha 77 anos, de brincadeira e apenas para acordá-lo

Higino Barros

• PORTO ALEGRE. Um crime semelhante à morte, em Brasília, do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos ocorrida em 1997, chocou a cidade de Miraguá, no Rio Grande do Sul. Na segunda-feira passada, o índio caingangue Leopoldo Crespo, de 77 anos, morreu depois de agredido por três rapazes na calçada da Avenida Ijuí, a principal da cidade. Ele fora a Miraguá, a cerca de seis quilômetros de sua aldeia, receber o pagamento de sua aposentadoria como agricultor e fazer compras. Chegou a ser internado no hospital da cidade vizinha de Redentora, mas morreu antes de receber atendimento.

Roberto Carlos Moraski, de 19 anos, e Almiro Roberges de Souza, de 19 anos foram presos e indiciados por homicídio culposo. O outro suspeito do caso é um menor de 14 anos, cujo nome não foi divulgado. Eles admitiram que chutaram o índio, embora tenham negado que houvessem usado contra ele uma pedra que foi achada ao lado da vítima.

Sobre o motivo da agressão, os jovens usaram uma resposta semelhante a que foi dada pelos assassinos do índio Galdino: "só estavam brincando".

## Acusados podem responder a processo em liberdade

A delegada Cristiane de Moura e Silva, da cidade de Tenente Portela, encarregada do caso, contou que os acusados negaram que tivessem intenção de matar Leopoldo.

— Os jovens disseram que só queriam acordar a vítima com pontapés para assustá-lo — afirmou a delegada.

Segundo a polícia, os jovens poderão responder ao processo em liberdade porque não foram presos em flagrante.

A delegada espera o resultado da necropsia para saber a causa da morte do índio.

Outro índio da mesma reserva de Leopoldo depôs ontem na delegacia de Tenente Portela e disse que no dia 24 de dezembro passado foi esfaqueado por um dos jovens acusados da morte de Leopoldo. Ele estaria andando próximo à rodoviária da cidade, quando foi esfaqueado no abdômen.

Leopoldo foi enterrado no cemitério da Aldeia Estiva, na reserva da Guarita, no município de Redentora, no noroeste do Rio Grande do Sul. O índio era considerado a memória da aldeia. Ele narrava aos mais jovens a história da criação da reserva, dos seus antepassados e da tradição cultural e religiosa dos indígenas.

## Índios ameaçam se vingar se não houver justiça

O crime chocou a comunidade indígena da região, que pede a punição rigorosa dos acusados. O cacique da aldeia, Carlinhos Alfaiate, afirmou que se não houver justiça, os índios procurarão vingança.

— Pedi calma à minha comunidade. Mas todos estão revoltados e prometendo represálias se os assassinos não forem punidos — explicou o cacique.

A reserva de Guarita é a mais populosa do Rio Grande do Sul, com cerca de dois mil indígenas. São raras as ocorrências de violência entre brancos e índios na região. ■



Paulo Vilani/"Zero Hora"



Reprodução

ÍNDIOS VELAM o corpo de Leopoldo (à direita): o caingangue, de 77 anos, fora pegar o dinheiro de sua aposentadoria como agricultor, em Miraguá, e foi morto a pontapés por três rapazes

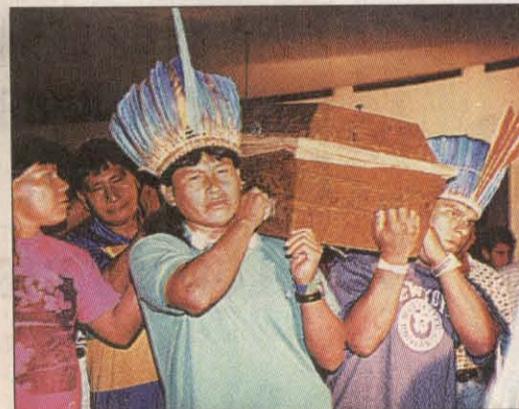
## ▶ Índio Galdino foi assassinado em 1997

Givaldo Barbosa/21-04-1997

• O índio pataxó Galdino Jesus dos Santos foi queimado vivo quando dormia num ponto de ônibus em Brasília, na madrugada do dia 20 de abril de 1997. O crime foi praticado por cinco jovens de classe média alta, um deles menor de idade, que jogaram álcool sobre o corpo do índio e atearam fogo. Ele chegou a ser internado com 95% do corpo queimados, mas morreu poucas horas depois. Galdino, que tinha 44 anos, estava na capital para a festa do Dia do Índio. Ele se perdera na noite de Brasília e, ao chegar tarde à pensão onde estava hospedado, foi impedido de en-

### ÍNDIOS

carregam o caixão de Galdino: os assassinos acabaram na cadeia



trar. Os réus acharam que se tratava de um mendigo e alegaram que fizeram "apenas uma brincadeira".

Em novembro de 2001, quatro dos cinco jovens foram condenados a 14 anos

de prisão. Max Rogério Alves, Tomás Oliveira de Almeida, Eron Chaves de Oliveira e Antônio Novelty Villanova terão direito a liberdade condicional em 2004. O outro jovem, Gutemberg

de Almeida, irmão de Tomás, já cumpriu punição numa instituição por ser menor e está atualmente em liberdade.

No ano passado, Tomás, Eron e Antônio conseguiram autorização da Justiça de Brasília para trabalhar no Departamento Penitenciário Nacional (Depen), órgão do Ministério da Justiça. Mas ao saber quem eram os empregados, o Depen avisou à Justiça que não os receberia, sob a alegação de que isto causaria indignação na comunidade indígena e na Funai. O benefício fora concedido porque os condenados já cumpriram um terço da pena.